

# MEMORIA

DOS

## FESTEJOS QUE TIVERAM LOGAR EM MACAU

Por occasião do fausto nascimento de Sua Alteza Real

### O SENHOR D. CARLOS FERNANDO

Precedida de breves considerações sobre o futuro de Portugal e seguida  
de uma composição dramatica em verso portuguez intitulada

## ELOGIO

E cantada na mesma occasião no theatro de

D. PEDRO V. EM MACAU



MACAU

TYPOGRAPHIA DE J. DA SILVA,

1864



# MEMORIA

DOS

## FESTEJOS QUE TIVERAM LOGAR EM MACAU

Por occasião do fausto nascimento de Sua Alteza Real

### O SENHOR D.<sup>o</sup> CARLOS FERNANDO

Precedida de breves considerações sobre o futuro de Portugal e seguida  
de uma composição dramatica em verso portuguez intitulada

## ELOGIO

E cantada na mesma occasião no theatro de

D. PEDRO V. EM MACAU.



MACAU  
TYPOGRAPHIA DE J. DA SILVA,  
1864



COMPRA  
196368

~~119~~  
22778

Ao Illmo. e Exmo. Sr.

**JOSE RODRIGUES COELHO DO AMARAL**

Do Conselho de Sua Magestade e do Ultramarino, Ministro Plenipotenciario de Sua  
Magestade nas Cortes de Pekim, Japão e Siam, Governador de Macau,  
Coronel d'Engenheiros, Commendador da Ordem Militar  
de S. Bento de Aviz, &c., &c., &c.,

COMO PEQUENO OBOLO DE RECONHECIDA AMISADE,

OFFERECE

O alferes MANUEL DE CASTRO SAMPAIO.

LIBRARY OF THE COLLEGE OF WILLIAMSBURG

THE LIBRARY OF THE COLLEGE OF WILLIAMSBURG  
HAS RECEIVED FROM THE  
ESTATE OF THE LATE  
MR. JAMES M. HARRIS  
THE FOLLOWING BOOKS

THE HISTORY OF THE COLLEGE OF WILLIAMSBURG

BY JAMES M. HARRIS

## PRIMEIRA PARTE.

### I.

A feliz noticia do fausto nascimento do augusto primogenito de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz veiu aos confins do oriente encher de verdadeiro regosijo os peitos dos portuguezes. Em todos os rostos se tem visto transluzir a alegria do coração. É que o povo, amando os soberanos que se assentam hoje no throno portuguez, ama as instituições liberaes do paiz, porque a glória e o interesse do throno é a gloria e o interesse da nação; e em Macau soube comprehender-se que o novo Principe é o futuro penhor das liberdades patrias.

Em outro tempo o nascimento de um principe podia ser prenuncio de bom ou mau futuro, porque, nascido e educado debaixo das terriveis influencias da autocracia, podia comtudo ter uma boa indole, e por isso vir a ser um bom rei, mas tambem se podia tornar um tyranno, e constituir assim a infelicidade de seu povo. E não poucos foram os povos, que em epochas, que passaram para não mais voltar, suffocavam no peito o grito de liberdade, porque esse grito só começou a soar verdadeiramente depois da revolução franceza, até se tornar enthusiastico e estridente.

A respeito desta ultima asserção, seja-nos concedido reproduzir aqui duas palavras de um grande vulto litterario e oratorio daquella terra de gigantes, ou an-

tes de um homem dos mais pensadores do mundo, o sr. Victor Hugo.

“Depois da vinda de Christo, a revolução franceza foi o passo mais gigantesco que a humanidade tem avançado, digam embora o que quizerem. Se não foi completo, foi comtudo sublime. Por ella se libertaram as intelligencias sociaes; se suavisaram e tranquillisaram os espiritos; fez correr a jorros pelo mundo torrentes de civilisação. Tudo isto prova que a revolução foi util; foi a sagração da humanidade.”

Hoje, por tanto, nos paizes livres a successão ao throno é sempre objecto de alegria nacional, porque os Reis liberaes, compenetrados das ideias modernas, não buscam, pelas suas allianças e pelos seus actos, sómente o interesse de suas dynastias, buscam tambem o interesse para os povos, protegendo-os, e garantindo-lhes as suas immunidades de cidadãos. É por isso que todas as classes encontram logar em roda do throno, na magnifica empresa de engrandecer a patria.

As nacionalidades despertaram do somno que dormiam, e as dynastias inimigas do progresso estreme-cem ou jazem moribundas.

Essa grandiosa obra da unidade italiana foi o facto mais edificante para o mundo culto, que podia dar-se nos tempos modernos. Aquella gloriosa nação, que ha tantos annos permanecia retalhada e escravizada, assumiu um logar eminente na linha das nações de primeira ordem em força, opulencia e civilisação. E o paiz da harmonia, o mimoso filho do mundo latino quiz estreitar os laços de fraterna amisade com duas nações suas irmãs: entrelaçou-se primeiro com a França, e depois com Portugal, constituindo assim o ponto de partida de um mundo de sciencias, de artes, e finalmente do grande genio da epoca.

Parece que a Providencia havia guarcado o reinado do Sr. D. Luiz para mudar a face ao destino dos

portuguezes, porque, no glorioso throno de D. Affonso, D. João I e D. João IV, não podia collocar, ao lado do augusto Chefe da casa de Bragança, uma Princeza que tantos titulos tivesse á estima e sympathia do paiz, como a Senhora D. Maria Pia de Saboya, que ao mesmo tempo nos dá gratas recordações do passado, alegria no presente, e esperança no futuro.

## II.

Ha sete seculos que uma princeza da casa de Saboya veiu sentar-se no throno portuguez. Essa princeza foi D. Mafalda, esposa do heroe de Ourique, que marcou uma nova era a Portugal, emancipando-o, e fundando a monarchia portugueza com um valor, que constituiu a admiração do mundo.

Portugal, ainda no berço, viu logo uma flor de Saboya a embalsamar-lhe o ambiente de sua esphera, que havia começado e continuou a ampliar-se cada vez mais; e por isso não pôde deixar de considerar aquella casa soberana, como uma casa verdadeiramente amiga.

Um facto que se déra na epoca de maior opulencia e lustre, que tem tido Portugal, basta para testemunhar a grande dedicação, que este paiz votára áquella casa, na qual sempre tem visto um bom signal.

Esboçemos ligeiramente esse facto.

No reinado de D. Manuel contrahiu nova alliança a casa de Saboya com a dynastia de Aviz. O duque Carlos III daquella casa desposou a infanta D. Brites, filha do nosso rei venturoso. Este consorcio, celebrado com pomposos festejos, produziu um regosijo até ao entusiasmo em Portugal e nos Estados de Saboya.

D. Manuel, afeito a empregar com triumpho e pasmosa felicidade os grandes commettimentos de que nos falla a historia, não poupou nenhum dos poderosos meios de que dispunha para tornar aquelle solemne acto de uma magnificencia admiravel;; e por isso a casa de Saboya ficou sendo mais estimada ainda pelos portuguezes.

A armada, que conduziu a Nizza a infanta D. Brites, foi composta de 18 galeões e galeras, escolha feita entre os maiores navios que então possuia Portugal, seguindo viagem abordo da armada os filhos dos dois famosos heroes portuguezes—Vasco da Gama e Affonso de Albuquerque.

Desta feliz alliança succedeu na casa de Saboya o duque Manuel Felisberto, herdando o nome baptismal de seu glorioso avô, de quem tambem fôra afillhado. Este duque foi um verdadeiro heroe, que deu lustre á casa de Saboya. Afortunado, como seu avô, soube retomar alguns Estados que esta casa havia perdido, e restituir ao throno o seu antigo esplendor. Foi elle no seculo XVI um dos competidores á corôa de Portugal, depois da infausta morte de El-Rei D. Sebastião, apresentando direitos como neto d'El-Rei D. Manuel; mas Philippe II de Castella, como é sabido, foi entre todos quem tomou posse da corôa.

O nome de Manuel, porém, tem sido conservado na casa de Saboya, como um bom signal de prosperidade.

Depois do duque Manuel Felisberto, houve Carlos Manuel I, Carlos Manuel II, Carlos Manuel III, sendo este depois primeiro do nome, como rei da Sardenha. Mais tarde, e ainda com o alludido nome, e na qualidade de chefes da casa de Saboya, continuaram a sentar-se no throno sardo Victor Manuel I e Victor Manuel II, pae da nossa virtuosa Rainha, que é a ter-

ceira das princezas daquella casa que hão subido ao solio portuguez; porque a segunda foi, como geralmente se sabe, D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

Alem das intimas relações, que a casa de Saboya tem contrahido com as trez dynasticas casas portuguezas, concorre mais para o immenso jubilo dos dois povos a circumstancia de terem a mesma origem as suas linguagens, e de haver egualdade em seus sentimentos, bem como em suas ideias de progresso e instituições liberaes. De mais a mais acresce a esta similhança a de possuirem ambas as nações duas familias reinantes, que, liberaes por crença, sabem comprehender a sua alta missão de presidir aos destinos de dois povos livres, para acceitarem com franqueza e lealdade o futuro que lhes está reservado, e formarem o coração de seus augustos successores com a doutrina destes santos principios.

Outra circumstancia milita tambem na auspiciosa epoca que está gosando Portugal, para que este paiz deva esperar um bom futuro. É uma ideia que parecerá um pouco dubia, mas ha ás vezes no coração humano um não-sei-quê de mysterioso que nos não engana. A verdade historica de que os dois principes, que hão succedido das allianças feitas entre Saboya e Portugal, constituiram a honra dos thronos, e mereceram a estima e veneração de seus povos, leva-nos a esperar de Sua Alteza Real o Sr. D. Carlos Fernando—mimoso fruto tambem de equal alliança—um porvir repleto de venturas e prosperidades nacionaes; pois, nascido e embalado no seio da liberdade, e tendo como guia em sua educação o exemplo das virtudes de seus augustos paes, ha de de todo o coração promover, como elles, a felicidade da patria com aquelles rasgos no-

bres, que caracterisam um rei verdadeiramente constitucional.

E nos tempos em que governaram os dois magnanimos principes—D. Sancho I, filho da Rainha D. Mafalda—e D. Carlos Manuel, filho da Infanta D. Brites, não gosavam os povos as vantagens, que os thronos nesta epoca offerecem ás suas nacionalidades; e por isso hoje, que, depois de se haverem operado tantas phases historicas, os Reis essencialmente liberaes aspiram á justa gloria de consubstanciar o seu character com os santos principios do amor, da benevolencia e da brandura, porque comprehendem que os seus thronos se baseam sómente na convenção social, não tendo por defesa senão o bem da patria; hoje, que todos os esforços tendem ao aperfeiçoamento da regeneração da sociedade; hoje, que Portugal está em contacto com as outras nações pelo intermedio dessa grandiosa rede dos caminhos de ferro que inunda a Europa; hoje, que de um fio metallico, maravilha do nosso seculo, faz Portugal ao mesmo tempo a sua voz e o ouvido das nações e viceversa, e que dentro do seu territorio as sciências e artes já attingem um subido grau de esplendor; hoje, que por todos os angulos do nosso paiz se vão introduzindo aquelles melhoramentos que constituem o distinctivo da epoca, tratando-se já em Lisboa de uma grande exposição de productos da industria fabril e agricola de toda a península; hoje finalmente, que o espirito de associação liga tão intimamente os portuguezes, e estes encontram nos italianos outros tantos amigos fieis, e se abraçam; não póde Portugal deixar de ter na augusta Pessoa de Sua Alteza o Principe Real a mais lisongeira esperanza de um futuro ainda mais radioso de felicidade do que o presente, porque a culta humanidade avança.

sempre, e nada lhe póde tolher o seu caminhar civilizador.

### III.

Estavamos no Porto, nossa querida patria, quando chegou ali Sua Magestade sarda o Rei Carlos Alberto, avô da nossa actual Rainha. Fomos esperal-o, e foi tão grande o nosso transporte de alegria ao contemplarmos de perto aquella physionomia respeitavel, onde se lia em letras de fogo a palavra—heroicidade, como grande foi o sentimento que nos opprimiu o coração ao lembrar-nos que o magnanimo heroe acabava de deixar o solio que illuminára com a luz da mais esclarecida intelligencia, por ter sido infeliz na grandiosa obra da redempção da sua patria.

O desditoso monarcha, depois do seu infortunio em Novara, carecia de um asylo amigo, onde em placido socego descansasse das afanosas lides, a que o pensamento de libertar a patria o havia arrojado. Alongou os olhos pela Europa toda, e uma intima vontade do coração o conduziu a Portugal, onde foi recebido com tanto amor e veneração, como se fosse o mais querido filho do paiz.

E vimos auctoridades e particulares daquella invicta cidade manifestarem, por seus officiosos serviços ao egregio soberano, a alta estima e consideração em que tinham a sua real pessoa e seus generosos sentimentos.

E assim, no seio dos portuguezes, acabou a sua peregrinação este illustre Rei, deixando assente na Italia retalhada a pedra angular do grande edificio da unidade daquella nação, obra que foi gloriosamente conclui-

da por seu augusto filho, e entrelaçada com Portugal pela alliança de sua virtuosa neta com El-Rei o Sr. D. Luiz, a quem a Providencia agora déra o presumptivo herdeiro do throno, tão festejado em ambas as nações.

#### IV.

Feitas, pois, estas considerações ácerca do futuro de Portugal, entraremos na materia, que nos suggeriu a ideia desta publicação.

O fim a que nos vamos propor é a descripção dos festejos, que, por effeito do fausto nascimento de Sua Alteza Real o Sr. D. Carlos Fernando, tiveram logar em Macau.

Lembrando-se o Exmo. Governador desta colonia de que no plano que delineou dos festejos devia entrar uma representação no theatro desta cidade, denominado de *D. Pedro V*, traçamos ligeiramente de um dia para o outro uma composição dramatica em verso portuguez, para em scena preceder essa representação. Desculpe-se-nos a confissão franca, que fazemos ácerca do pouco tempo que gastamos com a alludida composição, pois se assim nos expressamos é porque no fim deste opusculo lhe damos publicidade, e desejamos merecer, sobre ella, a indulgencia de nossos leitores. Esta composição allude ao feliz nascimento do augusto Principe Real, e foi feita á imitação do TRIUMPHO DA VIRTUDE, cantata em verso italiano, que teve logar no real theatro de S. Carlos em Lisboa, por occasião do regio consorcio de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz com Sua Magestade a Rainha a Sra. D. Maria Pia de Saboya.

Vem a proposito dizer aqui que, quando se tratou da representação theatral, os officiaes europeus desta guarnição com dois cavalheiros paizanos entraram nella com o maior jubilo e prazer, e—o que mais é, porque é um passo que em si encerra o proprio louvor— quatro distinctas senhoras de Macau, trez das quaes são dignas esposas de cavalheiros europeus, se promptificaram logo e de todo o coração a alistarem-se nesta illustre sociedade dramatica, organisada com o fim altamente justo de festejar o feliz nascimento do augusto Desejado de duas regias familias e de dois povos.



## SEGUNDA PARTE.

### I.

Os dias 3, 4, 5, e 6 do presente janeiro foram os escolhidos para os festejos.

Começaremos a descripção por ordem chronologica.

Despontou a aurora do dia 3; e a musica do batalhão de Macau, que se achava postada em frente do palacio do governo, rompe uma linda alvorada, e os sinos começam a repicar em todas as torres. Depois da alvorada, percorre a musica varias ruas da cidade, tocando hymnos e escolhidas marchas; e, quando recolhe ao quartel, já o sol brilhante do oriente começava a dourar com seus raios luminosos os elevados montes da China.

Toda a vasta extensão da Praia Grande, sitio principal da cidade, se achava disposta para ser á noite illuminada, assim como em outros sitios, edificios publicos, e mesmo alguns particulares.

Cerca de cem columnas, formadas de um tecido transparente pintado de variadas côres, se estendiam por ordem em todo o passeio da Praia Grande á borda do mar. Cada uma destas columnas tinha sobre o respectivo capitel um balão, tambem transparente e pintado a côres; e todas as columnas estavam ligadas por uma especie de bambolins, vestidos de papel de côr, d'onde pendiam outros balões, que da mesma forma diaphanos, similhavam um rosario infindo de perolas gigantes. E a especie de obelisco, que, no fim

desta ala de columnas, havia mandado construir o sr. Manuel Antonio da Ponte, ostentava uma elegante apparencia, como se fosse elevado cedro ao pé de extenso renque de arbustos. No frontispicio deste obelisco lia-se: *Viva a familia real—Viva a Italia e Portugal.*

Os trez mastros, levantados nos trez fortins da Praia Grande, tambem produziam um bom effeito por entre as columnas; e no mar estavam, como correspondendo a estes mastros, trez lorchas embandeiradas, destinadas para as salvas—a de guerra *Amazona* e duas particulares, sendo uma destas ultimas do sr. Bernardino de Senna Fernandes, consul de Siam, e a outra do sr. Ponte.

Dois palcos chinezes se haviam levantado tambem, um no largo de S. Francisco, outro no largo do Senado, tornando-se aquelles dois campos em duas vastas plateias.

Oito horas da manhã; e o sr. Ajudante ás ordens do Exmo. Governador apparece com o estandarte real no acto de se render a guarda do palacio. As duas guardas apresentam armas, a musica toca o hymno de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz, e com esta cerimonia militar, o sr. Ajudante faz içar no mastro do fortim de S. Pedro o estandarte, e ao mesmo tempo são içadas nos outros mastros as bandeiras do Brazil e Siam, ficando a tremolar o estandarte real em frente do palacio do governo e no centro das duas bandeiras, e estas em frente das residencias dos respectivos srs. consules.

Dez horas; e uma guarda de honra, commandada por um capitão, e com a respectiva musica, segue por differentes ruas da cidade, e vae collocar-se á porta da Sé cathedral. Depois começam a entrar no templo

o corpo consular e todas as demais corporações militares, civis e ecclesiasticas.

Tendo o Exmo. Governador com o seu estado maior, e as mais auctoridades, tomado os logares do estylo, foi cantado um solemne *Te Deum*, a que assistiram tambem differentes pessoas particulares de ambos os sexos.

Terminado o *Te Deum*, o Exmo. Governador com o seu estado maior parte para o palacio do governo, e seguem-no todas as corporações e a guarda de honra.

O povo chinez concorria em multidões, admirando o deslumbrante apparato, que offerencia essa vista que ahi ligeiramente esboçamos.

Meio dia; e o forte do Monte e o fortim de S. Pedro começam a salva real, a que correspondem as trez lorchas do mar e um escaler do Exmo. Barão do Cercal, que ali se achava tambem disposto para esse fim; a musica toca o hymno de El-Rei, e repicam os sinos em todas as torres. Nesta occasião começa no palacio o cortejo á Real Effigie. Do lado esquerdo do docel achava-se o Exmo. Governador com o seu estado maior e o conselho do governo; do lado direito, o Leal Senado de Macau com o estandarte municipal. O acto foi solemne, e correu com a cerimonia do costume.

Por esta occasião começaram as representações chinezas, a que concorreram milhares de espectadores. Estes theatros trabalharam em todos os quatro dias dos festejos, desde o meio dia até ás 6 horas da tarde, e desde as 7 horas da noite até ás 4 da madrugada.

Ao sol-posto achava-se outra vez formada a guarda principal com a frente para o fortim de S. Pedro, e o Sr. Ajudante ás ordens do Exmo. Governador, prompto para receber nos braços o estandarte real, o qual,

ao signal de um tiro da lorcha de guerra, foi arreado, apresentando armas a guarda, e tocando a musica. Em acto simultaneo foram tambem arreadas as bandeiras do Brazil e de Siam.

Veu a noite, e estabeleceu-se uma resplandecente illuminação na cidade. Alem da da Praia Grande, havia em outros pontos differentes edificios illumina-

dos. As columnas transparentes, assim como os balões, ostentavam um brilho luminoso, por effeito de luzes que tinham interiormente. Os mastros, que se haviam illuminado, pareciam a certa distancia outros tantos lustres gigantes. No mar estavam, como correspondendo a estes mastros, as illuminações das lorchas, do escaler que havia salvado ao meio dia e de outro do Sr. consul de Siam, cujas luzes, no seio das trevas da noite, pareciam a quem as via de terra um conjunto de linhas luminosas traçadas no horisonte. O obelisco, visto de longe, representava um brilhante montão de pedraria em forma pyramidal; e os edificios do delicioso sitio da Praia Grande estavam de differentes modos illuminaados. São dignas de especial menção tanto a illuminação do palacio dos srs. Barões do Cercal, encarregados do consulado do Brazil, como a que o Sr. consul de Siam mandou estabelecer junto do mastro erguido em frente de sua residencia. Sobresahiam tambem as que brilhavam nas residencias do sr. Dr. Juiz de Direito João Ferreira Pinto e sr. Carol, e bem assim na de uns distinctos cavalheiros alle-mães.

O povo, que percorria as ruas da cidade, era immenso, pois alem das muitas familias macaenses, calculavam-se as multidões de chinas de vinte a trinta mil pessoas.

## II.

Nesta noite tivemos tambem o nosso theatro.

Esta diversão magnifica é ao mesmo tempo um recreio que neutralisa os amargores da vida, e uma verdadeira escola de moralidade. Ha lições ali para todas as familias em geral, e para todos os seus membros em particular. Os perniciosos effeitos dos habitos viciosos, e os beneficos resultados dos bons costumes, lá apparecem por sua vez desmascarados, para que todos aprendam a fugir do perigo dos primeiros, e a procurar a utilidade dos segundos.

Fallemos do theatro de *D. Pedro V*, e do lindo e aprazivel espectaculo da noite de 3.

O theatro de *D. Pedro V* não tem camarotes. Ha ali um vasto salão, onde se collocam cadeiras, dispostas por ordem para os espectadores, tanto de um, como de outro sexo. Este salão está comtudo rodeado de janellas, que fingem camarotes. A janella, que se acha fronteira ao palco, estava encerrada naquella noite por uma cortina de seda escarlate, que foi corrida ao comegar o *Elogio*, apparecendo o retrato d'El-Rei o Sr. D. Luiz. Em torno das janellas havia decorações, que, posto que singelas, produziam comtudo um bom effeito. Á porta achava-se uma guarda de honra, e na sala de entrada a commissão directora do theatro para receber o Exmo. Governador, e alguns cavalheiros selectos para conduzir as senhoras ao salão.

Recebido que foi o Exmo. Governador e sua Exma. esposa pela illustre commissão, o Exmo. Barão do Cercal (Antonio), como vice-presidente, foi quem conduziu Suas Exas. ao logar que lhes é proprio no salão,

tocando a musica por essa occasião o hymno do Exmo. Governador; e aquella cerimonia foi depois repetida á despedida.

Oito horas da noite; e o salão estava litteralmente cheio de damas e cavalheiros. Entre os espectadores, notavam-se muitos estrangeiros de um e de outro sexo, parte dos quaes haviam acabado de chegar de Hongkong para assistir aos festejos. Estavam ali tambem algumas senhoras septuagenarias, que, não sendo dadas á frequencia de theatro, haviam sido atrahidas ali pelo debute dessas quatro damas distinctas, que, subindo á scena, abriram um exemplo altamente edificante para as demais senhoras de Macau.

Todos trajavam galas.

Eram muito variadas as *toilettes* das senhoras, e de tal arte estavam combinados os seus lindos atavios, que verieis nellas aquella graça vistosa, que se estuda sempre para os bailes de rigorosa etiqueta.

O Exmo. Governador, como dissemos, tambem já se achava ali; e todos estavam anciosos por verem a representação; era preciso começar o espectáculo.

Subiu o panno, e appareceu uma vista de sala. Na face do fundo estava o retrato de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz I em moldura de ouro, e aos lados do pavimento dois renques de cavalheiros, vestidos uniformemente de casaca preta e voltados para o centro, os quaes cantaram o hymno de El-Rei com trovas apropriadas ao feliz nascimento do Principe Real.

Findo este acto, o Exmo. Governador levantou trez vivas, um a Sua Magestade El-Rei, outro a Sua Magestade a Rainha, e o terceiro a toda a familia real, sendo todos elles applaudidos em altas vozes e freneticamente por aquella illustrada e respeitavel assembleia de mais de quatrocentas pessoas.

E logo desceu um novo panno, em que ávidamente se fixaram todas as vistas.

Este panno havia sido offerecido ao theatro pelo Exmo. Barão do Cercal (Antonio), a fim de apparecer pela primeira vez naquella occasião.

S. Exa., com aquelle sublime gosto de pintura que todos lhe reconhecem, havia traçado habilmente no panno a curiosa vista da Praia Grande, incluindo o que da cidade se póde descobrir por sobre os bellos edificios deste lindo sitio, e estendendo o seu primoroso traçado até tocar o forte de S. Francisco. Este forte não o incluiu, comtudo, mas, fazendo presidir sempre ao seu trabalho as regras d'arte, fez antes entrar naquella vista outro forte proximo, o de Nossa Senhora da Guia, que pela sua situação sobranceira domina toda a cidade, tendo como ás suas plantas um monte toucado da mais interessante verdura d'Azia.

O nosso estimavel Barão não podia escolher melhor occasião do que esta, de tanto jubilo nacional, para apresentar, pelo delicado meio do seu offerecimento ao theatro, a sua mimosa producção artistica.

O panno, por tanto, foi muito apreciado pelos espectadores, e, passado pouco tempo, subiu, apparecendo em scena os personagens do *Elogio* de que já fallamos, e que no fim desta obra publicamos.

Os vestuarios apropriados, tanto dos genios, como das outras divindades, tornaram aquella scena muito esplendida. Os trez cavalheiros, que representaram os genios de Portugal e da Italia, e a fama, compenetrados dos seus papeis, recitaram de um modo brilhante, pelo que receberam muitas ovações, e não menos applausos tiveram as damas e cavalheiros, que representaram as demais divindades, tendo as do côro feito um lindo concerto com suas vozes.

Mas o que teve um effeito sorprendente foi a apparição do berço do Real Menino, entre o clarão de fogos de côres. Esta vista magnifica foi dirigida com muita subtileza e habilidade pelo Exmo. Barão do Cercal (Antonio.) Os espectadores não a esperavam, e por isso foi completa a surpresa. De mais a mais foi uma novidade em Macau, porque ainda aqui não tinha havido nenhuma destas vistas.

O clarão assimilhava-se primeiro a uma aurora boreal; depois parecia o arrebol matutino de um lindo dia de primavera, e ia acabando pela imitação daquella luz que produz o sol atraz de um monte quando começam a reflectir-se os seus raios luminosos no denso relvado de um campo. Nessa occasião terminou o ultimo côro, e o Exmo. Governador ergueu um viva ao Principe Real, que foi seguido de todos com grandissimo enthusiasmo, descendo o panno repentinamente, e antes ainda de ter acabado a vista luminosa.

Depois seguiram-se as trez comedias escolhidas, em que as damas e cavalheiros desempenharam os seus papeis com o maior mimo, energia e naturalidade, pelo que receberam continuos bravos e palmas da plateia enthusiasmada. Differentes corôas de flores foram lançadas ás damas em todas as trez comedias. É mister tambem não esquecermos a caracterisação, que foi feita com mestria por um excellente cabelleireiro francez, recém-chegado de Hongkong.

### III.

Na primeira comedia, denominada: *Por causa de um algarismo*, ha um *qui-pro-quo*, que muito agradou. Explical-o-hemos.

Um sapateiro tem uma filha, chamada Rosalina Marmelada, e quer fazer-lhe o casamento com um sachristão ; porem a filha declara que não casará senão com um individuo por quem se acha apaixonada, o qual reside na mesma rua, e é numero 9. Este individuo é um soldado que tem este numero na companhia a que pertence, mas o sapateiro entende que o numero é o da casa onde elle habita. Indaga, pois, este negocio, e resulta-lhe disso saber que na casa numero 9 morava um confeitoiro, chamado Collaço. Escreve-lhe logo uma carta, dizendo-lhe que, sabendo que elle se achava agradado da sua *marmelada*, esperava que viesse a sua casa, a fim de se tratar desse negocio. O confeitoiro, que não o conhece, estranha a principio que um sapateiro tivesse negocio de marmelada, mas emfim vae, e quer comprar-lh'a. Ha aqui um curioso dialogo, até que finalmente o confeitoiro vem no conhecimento de que não era de marmelada que o sapateiro tratava, mas de Rosalina Marmelada ; e declara immediatamente que deve ter havido engano com elle, por isso que é casado e pae de filhos. Isto faz encolerisar o sapateiro, porque continúa a persuadir-se de que o confeitoiro lhe namora a filha. Mais tarde chega o sachristão, depois apparece a mulher do sapateiro, e depois o soldado, e ha ainda ali um reboliço ; mas entra logo a filha, succede a discussão, e a final todos ficam ao facto da verdade.

O titulo da segunda comedia é *Destes ha poucos*. Dão origem a este titulo as boas acções de um criado, como vamos explicar.

Um velho criado, que, desde criança, servia uma casa com zelo e dedicação, e havia acalentado a infancia de seu actual amo, e a de um primo deste, que já se achava official de cavallaria, soffria profunda magoa

pela mudança, que se ia operando naquella casa com o casamento de seu amo. A noiva, que era uma dama do *bom tom*, exigia que se estabelecessem novos costumes, e fez entrar novos criados para o serviço da casa. Não gostava do velho, e pretendia mesmo que o marido o despedisse, ao que elle não podia annuir pela affeição que consagrava ao antigo criado. Este, em meio de seus desgostos e afflicções, recebe uma visita de uma sua afilhada, que lhe pedia um dote para casar, e elle promette-lh'o das suas economias de quarenta annos. A rapariga retira-se consolada; mas o velho encontra logo outra applicação mais justa ás suas economias. O primo de seu amo havia jogado, ficando por essa occasião empenhado em duzentos mil reis; e era tal a sua situação, que preferia a morte á deshonna, isto é, queria antes suicidar-se do que passar pela vergonha, que por circumstancias especiaes teria de soffrer, se não pagasse aquella divida. O velho esquece por um pouco o dote que promettêra a afilhada, para se lembrar sómente de que era preciso salvar aquella victima do vicio.

Entretanto ia crescendo em sua ama a animosidade contra elle, que não era nascida de outra cousa senão de querer o zeloso velho fazer serviços, que a sua edade avançada não comportava já.

Esta senhora, com as exigencias a que a obrigava a *moda*, pôde finalmente resolver o marido a despedir o criado; e, quando se passava este acto de tanto sentimentalismo, e o bom velho se debulhava em lagrimas, apparece a afilhada, que, em presença daquelle triste despedimento, convida o padrinho a passar o resto da vida em sua companhia. E ao mesmo tempo, por uma carta, sabe o amo que seu primo estava para suicidar-se. Uma dor intensa opprime todos os corações,

mas de repente apparece o primo a agradecer ao dono da casa a salvação da vida, por lhe ter satisfeito a sua divida. Ha então uma perplexidade em todos, mas descobre-se logo que fôra o bom velho quem praticára aquella generosa acção. Abraçam-se todos, e a ama já estima o criado que continúa a ficar naquella casa.

Agora daremos uma rapida ideia da terceira comedia, que se intitula *Os Zuavos*, e pela qual terminou o espectaculo.

Um homem, que occupava uma boa posição na sociedade, tendo visto dançar e cantar uma companhia de zuavos, enthusiasvou-se de tal sorte com o canto e a dança, que o levou a loucura a querer introduzir um dos zuavos na sua familia, casando-o com sua filha; e, para tratar este negocio, convida os zuavos para um jantar. A filha, porém, já tinha promettido o seu coração a outro individuo; e, de combinação com a criada que tinha sido encarregada de fazer a remessa da carta de convite, envia esta carta, não aos zuavos, mas ao seu amante, acompanhada de uma outra em que lhe dá conhecimento do acontecido. Este individuo, com dois seus amigos e o criado, vestem-se de zuavos e apparecem em casa do velho, que os recebe com transportes de alegria. Os fingidos zuavos cantam e dançam, e o velho dá-lhes palmas e bravos, e toda a sorte de applauso que lhe lembra naquella occasião. Mais tarde, porém, o acaso depara-lhe uma carta, por onde conhece que não são aquelles os verdadeiros zuavos. Dá-lhes uma descompostura, e quer pôl-os fóra de casa, onde espera que hão de vir os seus *heroes*. Então o amante de sua filha faz-lhe ver que os verdadeiros zuavos já se não acham naquella terra, e aproveita a occasião para pedir-lhe a mão de sua filha. O velho, enlevado ainda pelas vestes de zuavo que o via

trajar, propõe-lhe algumas condições a que elle accede, e dá-lhe a final o seu consentimento.

#### IV.

Esboçadas ligeiramente estas trez comedias, em qualquer das quaes ha maximas conceituosas para aproveitar, remontaremos ao intervallo da segunda para a terceira comedia, em que diversos cavalheiros, vestidos de casaca preta, como acontecêra no principio do espectaculo, cantaram o hymno, que nós haviamos offerecido ao Exmo. Governador desta colonia, em nome dos officiaes da guarnição de Macau. Os nossos leitores encontrarão a letra deste hymno em seguimento ao *Elogio*, que constitue a terceira parte desta obra.

As coplas foram muito bem cantadas, e nas vozes do côro havia concerto e harmonia, de modo que o hymno produziu um bom effeito.

No fim, e antes de descer o panno, o Exmo. Barão do Cercal levantou trez vivas ao Exmo. Governador, que foram calorosamente applaudidos por aquella magna assembleia; e o illustre Governador, agradecendo, ergueu tambem um viva aos bons habitantes de Macau. Proposto pelo sr. Ribeiro, ainda se seguiu outro viva ao Exmo. Governador, na qualidade de protector do theatro.

Tambem quasi no fim da ultima comedia, o Sr. Gregorio José Ribeiro, que fazia um papel de zuavo, acrescentou á comedia um episodio, e o desempenhou com tanto chiste e facecia, que recelheu por isso numerosos applausos.

Daremos a explicação deste episodio.

Alguns dias antes, havia representado neste theatro uma companhia anglo-italiana, vinda de Hongkong; e uma dama ingleza da mesma companhia apresentára-se por essa occasião em scena, vestida de um modo caricato, e cantava, fazendo medidas *quinhentistas*, tregeitos e visagens, e trazia na cabeça, não uma grinalda de rosas, mas um pente original em forma elliptica, que, pelas suas dimensões, similhava um escudo bellico da idade media. E o Sr. Ribeiro, que a viu e analisou, soube perfeitamente apanhar-lhe as formas, os modos, os gestos, a voz, a musica e finalmente toda aquella caricatura, e com tão notavel similhança a reproduziu em scena, que mais parecia ver-se ali a propria dama ingleza do que o cavalheiro que com tanta habilidade a estava imitando.

No fim do espectaculo, aquella distincta plateia, que ali concorrêra por meio de convites, chamou á scena o digno auctor da pintura do panno, e o festejou com bravos e palmas como merecia, tendo nós tambem a honra de sermos egualmente chamados.

## V.

As differentes ceremonias, que tiveram logar no dia 3 ao romper da alvorada, e ao içar-se e arrear-se o estandarte real; as multidões de povo, as salvas, e finalmente as illuminações, repetiram-se, sempre com exito feliz, nos dias 4, 5 e 6, havendo alem disso outras variadas diversões.

No dia 4 houve um abundante e magnifico jantar, dado pelo Exmo. Governador a cincoenta pessoas no palacio do governo. O palacio estava conveniente-

mente decorado, e havia musica, que tocou varias peças e hymnos.

Entre os convivas nacionaes, notavam-se alguns estrangeiros distinctos, como que representando ali suas nações. Fizeram-se differentes brindes, que foram muito applaudidos, e o modo por que o jantar correu foi o mais esplendido e agradavel.

No dia 5 tivemos um baile no palacio dos Srs. Barões do Cercal.

No portão e na escadaria havia ornatos de aprecia-vel gosto, e no primeiro patamar estava um grande espelho de moldura de ouro, que occupava quasi toda a parede fronteira á entrada principal, e tudo estava alcatifado, sobresahindo os adornos de seda por entre a fresca verdura dos jarrões.

As duas salas, destinadas para a dança, tinham uma rica alcatifa, que, pelos seus ramos vistosos, captava as attensões curiosas e prescrutadoras. Os lustres, repletos de luzes; os grandes espelhos que produziam a multiplicidade das salas; as finas jarras de flores odoríferas, e os ricos cortinados das portas e janellas, davam um realce magnifico áquella galeria esplendida, pois que todas as decorações que continha eram de grande sumptuosidade e preço.

Na sala, destinada para a ceia, achava-se estabelecida uma grande mesa com rigorosa etiqueta. Por entre differentes peças de ricas baixelas, se ostentavam mimosos ramalhetes de variegadas flores, cujos suaves perfumes embalsamavam toda aquella atmosphera, em quanto que a vista se encantava ao expandir-se por sobre aquelle interessante conjunto de variedades delectosas.

Differentes cavalheiros escolhidos aguardavam as damas convidadas, para as conduzir ao logar das *toilettes*.

Eram 9 horas e meia, quando começou esta delicada cerimonia.

Pouco depois appareceram quatro luzes azues no fortim ou reducto fronteiro ao palacio, signal que se havia determinado para indicar a chegada do Exmo. Governador. Com effeito, chegou logo S. Exa. e sua respeitavel esposa, que foram recebidos pelos nobres Barões; e a musica, que se achava na varanda que rodeia o topo da escadaria, rompeu nesta occasião o hymno daquella illustre auctoridade.

Dez horas; e cento e cincoenta convivas de ambos os sexos se achavam já nas salas do palacio, todos vestidos de galas.

Os Exmos. Barões, com aquella delicadeza e affabilidade, proprias de seu character digno e jovial, não se cançavam em prodigalisar a todas as pessoas, que frequentavam as suas salas, todas as finezas e obsequios que lhes podessem ser agradaveis.

As Exmas. Baronezas, eguaes na amabilidade e delicadeza; eguaes na pratica da culta sociabilidade e dos modos polidos da convivencia palaciana, abrilhantavam com as suas apreciaveis qualidades aquella reunião magnifica.

Uma de suas Exas. vestida de velludo preto e ornamentada de enfeites brancos, juntava aos seus ademanes de jubilo e dignidade um olhar magestoso e um sorriso fino e prazenteiro, em quanto que a outra distincta dama, vestida de claro, e ornada de ricos atavios, deixava deslizar em seus labios um sorriso de graça permanente. E todavia ambas conversavam com diversas pessoas com o espirito que sempre as acompanha e com o seu agrado proverbial.

Todas as demais senhoras estavam vestidas com graça e elegancia, e ostentavam preciosos enfeites. O

gosto brilhante das decorações entrelaçava-se ao gosto resplandecente das *toilettes* das damas.

Era um Eden de brilho e de fragrancias, era uma estancia celeste de huris, que ali viamos atravez de um prisma seductor.

Quando a vista se alongava por sobre aquelle refulgente conjunto de senhoras, topavamos com um ou outro anjo, que sómente com languido e terno olhar nos dava vida e crença, e nos provava a existencia do ceu.

Estavamos nesta deleitosa contemplação, quando se serviu um esplendido chá, e notamos que naquelle momento pouco excedia ás dez horas da noite.

Depois do chá, rompeu o baile por uma quadrilha de distincção, seguindo-se as walsas, as polkas, os *lanceiros*, etc.

O prazer e o contentamento nunca foram interrompidos. Quer na dança, quer nos intervallos, houve sempre a mesma satisfação naquella boa sociedade, onde, entre as damas e cavalheiros nacionaes, se notavam senhoras inglezas e americanas, e cavalheiros tambem de varias nações.

E a nossa contemplação continuava.

Ao acaso fixamos a vista em uma virgem. Achamos-lhe tantos encantos! Oh! quen nos déra adivinhar os segredos que guarda no sacrario de seu coração!

O seu talhe esbelto fazia realçar as suas louçanias, sendo comtudo uma modestissima donzella.

Vimos-lhe volver os olhos, cheios de magnete e de expressão. Notamos que alguem mais a sabia comprehender e a contemplava tambem; ouvimos mesmo fallar do gracioso nacar, que sobre o sympathico triqueiro das faces lhe desenhava o pudor, e pareceu-nos

então que a sua alma innocente se reflectia em seu sorriso de pureza virginal.

Mas de repente tudo se prepara para uma walsa ; a musica rompe, e começa o redemoinhar de numerosos pares nas duas salas, que distrahiu a nossa attenção.

Ávida a mocidade de emoções generosas, vivia ali a vida desejada, porque a vida se deslisava então, como se deslisam aquelles sonhos de delicias, que ás vezes a ventura nos embala no prazer.

Era um ceu encantado, parecia o templo das graças aquella mansão de gosos.

No baile o joven—de illusão formosa  
O prazer gosa no passar velós  
De muitos pares, turbilhão de encanto,  
Que, enleio santo, nos enleva a nós.

Se viu a virgem elegante e bella,  
Meiga donzella no walsar gentil,  
Oh ! como sente logo arfar o seio  
No devaneio d'um amor febril !

E se desperta da illusão querida,  
Da qual a vida se reveste ali,  
Impressões bellas desse lindo sonho,  
Prazer risonho ainda sente em si.

E daquellas sensações, cheias de doçura, que são o verdadeiro encanto da juventude, partilhavam tambem as donzellas, porque é n'um baile que se fazem amadas ; é ali que o homem as admira, e depois as adora.

E nós continuavamos a apreciar toda essa vida, que se dá de um par para outro par.

Aqui se contemplava o espirito na conversação galante de uma dama ; ali se via a graça com que uma grinalda branca e verde assentava sobre um lindo cabello ebanizado ; acolá se deslisava n'uns labios virgineos um sorriso angelico, e mais alem se viam em outra

dama uns olhos expressivos e rasgados, que fascinavam.

E assim se foram passando aquellas horas gostosas, até que finalmente chegou a occasião da ceia.

Eram duas horas da madrugada, quando as damas, conduzidas pelos cavalheiros, se sentaram á mesa esplendida de que os nossos leitores já têm conhecimento.

A variedade de viandas e iguarias era infinita, chegando a apparecer os mais exquisitos manjares. As bebidas tambem eram muito variadas, e tudo foi apresentado com uma profusão extraordinaria.

Os cavalheiros, que haviam conduzido as damas, sentaram-se tambem á mesa, servindo-as em tudo quanto lhes podiam ser agradaveis.

O Exmo. Barão do Cercal propoz um brinde a Sua Alteza o Principe Real, e o Exmo Governador propoz outro ao mesmo Real Menino, sendo ambos os brindes calorosamente applaudidos.

Mais tarde levantaram-se os distinctos commensaes, isto é, as damas e os cavalheiros que ali as haviam conduzido, e os seus logares foram occupados pelo resto dos cavalheiros.

Então o Exmo. Barão do Cercal propoz outro brinde ao Exmo. Governador, e esta illustre auctoridade propoz outro aos nobres Barões do Cercal, e a toda a sua nobilissima familia, brindes estes que egualmente foram muito applaudidos.

Depois da ceia ainda se dançou, acabando o baile ás cinco horas da manhã, hora a que todos se retiraram, possuidos daquellas impressões saudosas, que succedem sempre no coração ao goso de uma sociedade tão luzida, como a que ahi succintamente referimos, convictos, comtudo, de que, por muito mais que dissessemos

deste baile, a nossa debil penna ficaria sempre muito áquem do que devia dizer-se.

## VI.

No dia 6 houve de tarde differentes jogos publicos, e á noite um lindo e variado fogo preso.

O sr. Bernardino de Senna Fernandes, cidadão util e prestavel, que toma a peito o interesse da sua terra, e que tantos serviços de vulto tem feito já a Macau, foi quem assumiu a direcção dos jogos e do fogo, e conseguiu com seus esforços que estes divertimentos tivessem o mais feliz resultado.

Eram 3 horas da tarde, e no largo de S. Francisco estavam milhares de chinas. Entre elles erguia-se um alto mastro, que tinha no topo uma bolsa com quinze patacas, para aquelle que podesse subir o mastro até ao seu alcance. Muitos chinas se abraçaram ao mastro, diligenciando por marinhar, mas eram infructuosos os seus esforços, porque o mastro se achava untado de cebo. Quando lhes escorregavam as mãos, havia uma surriada immensa daquelle grande numero de espectadores.

Ao mesmo tempo tinham logar os exercicios gymnasticos e as *corridas de sacco*, havendo musica e fogo do ar.

Os exercicios gymnasticos constavam de dois chinas sobre um palanque, voltados um para o outro, e fazendo força para o centro sobre duas maças, cujas quatro extremidades lhes tocavam os quatro hombros. O que cedia á força era apupado, e o que triumphava era premiado.

As *corridas de sacco* tambem produziam hilaridade nos espectadores. Um bando de chinas mettidos em

grandes e fortissimos saccos atados na bocca, corriam de pé ao mesmo tempo, e o que primeiro chegava a certa balisa recebia um premio.

O Exmo. Governador, e outras auctoridades presenciavam este espectáculo, que era muito bem dirigido pelo sr. Senna Fernandes.

Tambem ali concorriam differentes particulares nacionaes e estrangeiros, e as janellas dos edificios daquelle sitio estavam cheias de senhoras e cavalheiros.\*

Na mesma occasião tambem se trabalhava para fazer subir alguns balões aerostaticos, mas só em um delles se realisou a ascensão, havendo muito fogo do ar. O balão, descrevendo um rapido semi-circulo na atmosphera, foi logo cahir ao mar.

Veu a noite; e uma salva de bombas annunciou o começo do fogo preso. As primeiras peças que appareceram foram as do fogo chinez.

Offereceu-se repentinamente á vista uma especie de lustre, formado por lanternas da china illuminadas, e tendo dos lados duas corôas com disticos allusivos ao fausto acontecimento que se festejava, as quaes se ostentaram primeiramente de côr azul celeste, e depois escarlata. A esta vista succedeu uma vista de sol, que foi de um lindo effeito, seguindo-se-lhe depois outra vista que representava um eclipse parcial da lua, a qual, pouco a pouco foi mostrando todo o seu pallido clarão, occasião em que desapparece de repente, sendo substituida por outro lustre luminoso, que tinha dos

\* Nós tivemos o gosto de estar por essa occasião em casa do sr. Ogêa, consul geral de Hespanha nestas paragens.

Tinham-se reunido ali algumas das familias principaes de Macau, nacionaes e estrangeiras, e a conversação correu muito animada.

À noite e depois do fogo, serviu-se um esplendido chá, depois do qual nos retiramos, bem como as demais familias, todos penhorados pela obsequiosa delicadeza e polidas maneiras do sr. Ogêa e dos sympathicos mancebos aggregados ao consulado.

lados dois açafates de flores, formados de fogos azues, os quaes se tornaram depois escarlates.

A esta vista succedeu outra, que representava uma piramide com dísticos chinezes, alludindo á occasião, e por ultimo desapareceu esta piramide, e appareceu uma torre luminosa, tendo a musica tocado nos intervallos, e tendo havido muitos foguetes.

Terminado que foi o fogo chinez, começou o nosso fogo preso, que, constando de dez peças, apresentou varias côres, e produziu um magnifico effeito, continuando a haver musica e fogo do ar.

O sr. padre Victorino de Almeida, que de curiosidade foi o auctor das dez peças do nosso fogo de artificio, trabalhou com tanta assiduidade e dedicação na sua obra, que ao concluil-a adoeceu, não podendo assim assistir ao surprendente effeito que ella produziu.

O tempo correu sempre bello; e, havendo, em todos os quatro dias de festejos, grandes multidões de povo pelas ruas, não houve uma só desordem a lamentar.

Resta-nos agora dar os nossos parabens em geral ao Exmo. Governador e aos leaes habitantes desta cidade, por terem festejado o feliz nascimento do nosso Principe Real de um modo o mais admiravel em Macau, em cujos annaes não consta ter havido em tempo algum tão luzidas e esplendidas festas.

Cumpre-nos ainda em especial felicitar a distincta sociedade dramatica, a illustre commissão directora do theatro e o leal senado transacto, o qual muito concorreu para a realisação dos festejos, organisando commissões de homens dedicados para abrirem subscrições entre nacionaes e chinas, cujo resultado, excedendo a 700 patacas, foi applicado para a illuminação da Praia Grande, para os theatros chinezes e outras diversões publicas.

Fiquem, pois, registadas estas demonstrações de regosijo por tão fausto acontecimento, e signifiquem ellas á posteridade o acrisolado amor, que Macau acaba de mostrar pelos seus Soberanos.

# TERCEIRA PARTE.

---

## GELOGIO

COMPOSIÇÃO DRAMÁTICA EM VERSO PORTUGUEZ

(Imitação do Italiano)

---

### PERSONAGENS

Genio de Portugal, genio da Italia e Fama

PELOS

*Illmos. Srs. tenente F. A. Ferreira da Silva, alferes A. B. Tassara,  
e Alferes A. J. F. Garcia.*

Genio das sciencias, artes, virtudes, etc.

PELAS

*Exmas. Sras. D. Carolina Ribeiro e D. Maria Sanches del Aguila, e  
pelos Illmos. Srs. tenente Elias J. da Silva, e aspirante de  
marinha Frederico Correia de Lima.*

### Coro

PELAS

*Exmas. Sras. D. Guilhermina de Assumpção, e D. Bellarmina Marques  
Pereira, e pelos Illmos. Srs. capitão-tenente G. J. Ribeiro,  
e alferes J. M. Q. de Sá Camelo.*

THEATRE ANCIEN

TRAGEDIE

LE ROI LEON

LEIBNIZ

Genio de Portugal, genio de Italia e de France

Genio das sciencias, genio das artes e das letras

Genio das letras, genio das artes e das sciencias

GENIO

Genio das artes, genio das sciencias e das letras

## SCENA I.

*Floresta na quinta da Penha-verde em Cintra.*

O genio de Portugal, rodeado dos genios e o côro.

### Coro

Forte, temido e opulento  
Foste outr'ora, Portugal,  
Quando ardia no teu peito  
Um valor sem ter igual.

Mas parece que ora a sorte  
Desse passado feliz  
Te ostenta a face ridente  
No reinado de Luiz.

De Saboya a flor mimosa  
Era nova te marcou,  
Quando ao cedro de Bragança,  
Ha pouco, se entrelaçou.

### Genio de Portugal

Quão grato se me torna, ó divindades,  
Recordar o passado glorioso!  
As inclitas acções me insoberbecem  
Dos estrenuos heroes, nossos maiores.  
Mas inveja não tenho desses tempos,  
Antes, como dizeis, esp'rar devemos  
Um futuro feliz, qual o passado;  
Pois Luiz e Maria, cimentando  
Em nosso solo f'licidade grande,  
Receberão do ceu, para firmal-a,  
Um novo principe, um seguro abono.

## SCENA II.

A fama e os mesmos.

### Fama

Genios de Portugal, vós, que estreitastes  
Os laços d'amisade e sympathia

Co'a nobre e bella Italia, cujos feitos  
Em todo o mundo tenho apregoado,  
D'envolta com os vossos, e as virtudes  
Que a vós, povos irmãos, tanto ornamentam :  
Venho dar-vos a nova de que o throno  
De Portugal já tem principe herdeiro.

### Genio de Portugal

Oh ! que dizes tu, fama !

#### Fama

Escuta-me, ouve.  
A neta desse Rei, que á liberdade  
Os alicerces operou na Italia ;  
A preclara Princeza, que, por laços  
D'um sagrado hymeneu, se uniu ha pouco  
Ao neto d'outro Rei, que aos portuguezes  
A liberdade deu tão desejada :  
Acaba de off'recer á luz do dia  
Um principe robusto e mui galante.

### Genio de Portugal

Oh ! que immensa alegria se apodera  
De todo o portuguez e italiano !

#### Fama

Eu já corro, já vôo á nobre Italia,  
Para dar-lhe esta nova de alegria.  
(*E sae*)

### Genio de Portugal

É um novo penhor da liberdade,  
Cujo brilho entre nós tanto irradia.

#### Coro

Nossas harpas afinemos,  
E d'amor e de prazer

Cantos ao principe ergamos,  
Vamos-lhe preitos render.

Sejam por longas edades  
Os seus dias celebrados ;  
Corram felizes por floreas  
Devezas e por vallados.

No peito dos portuguezes  
Haja paz, tranquillidade,  
D'envolta com doce esp'rança  
De maior prosperidade.

### **Genio de Portugal**

Partamos, que é dever dos portuguezes  
Ao rei significar o regosijo,  
Que cresce em nossos peitos, pelo fausto  
Nascimento de seu augusto filho.

*(Sahem, menos o coro)*

### **SCENA III.**

O genio da Italia e o coro.

#### **O Genio de Italia**

Eis-me outra vez na terra tão famosa,  
Onde bellicos peitos se criaram,  
Cujas inclitas obras e virtudes  
Em grandes maravilhas se tornaram.

Eis-me outra vez na terra, celebrada  
Em poema immortal, lyra divina,  
Que das artes, sciencias e talentos  
Engenhosos e grandes é ornada.

Eu te saúdo, ó terra, que es a cinza  
Sagrada de guerreiros tão invictos :  
O teu risonho solo ser parece  
D'um sorriso do Eterno bafejado.

Oh ! como aos eccos do valor antigo  
Tu, magnanima e grande, hoje respondes

Com alto pensamento, que engrandece  
Tuas nobres acções em paz tranquilla !

De D. Luiz o descendente augusto  
No porvir te garante essa ventura,  
Que lêda te sorriu ao alliar-se  
A casa de Bragança á de Saboya.

Podes erguer a fronte altiva e nobre,  
E bem subido pôr o pensamento :  
Affiança-t'o a Italia, boa amiga  
Por laço indissolúvel e sagrado.

#### SCENA IV.

A fama e os mesmos.

**Fama**

Oh ! quem vejo ! ?

**Genio de Italia**

É o genio da Italia.

**Fama**

P'ra que breve do Pó buscas o Tejo ? !

**Genio de Italia**

Quero felicitar os portuguezes,  
Felicitando-me também com summa  
Alegria e prazer p'lo nascimento  
Faustissimo do filho de Maria,  
Pois desta nossa augusta, alta Princeza,  
E de seu claro esposo tão amado,  
Virtudes divinaes, dotes excelsos  
Hão de no Principe brilhar de certo,  
Porque d'essas virtudes, desses dotes  
Será elle sem duvida o complexo.

## Fama

Grande genio, eu te applaudo o pensamento,  
E todo o orgulho meu, minha vaidade  
Consiste em proclamal-o alegremente.  
Eu vou communicar por toda a parte  
A tua vinda aqui tão estimada.

*(E sae)*

## Coro

Bem vindo sejas, ó genio,  
Ao seio de Portugal,  
Que a amisade dos dois povos  
Amisade é fraternal.

Esses laços tão estreitos  
Entre Saboya e Bragança,  
Mais os aperta hoje o fructo  
Dessa sagrada alliança.

## SCENA V.

O genio de Portugal, rodeado dos genios, a fama e os mesmos.

### Genio de Portugal

Salve! genio da Italia, que a esta terra  
Correste pressuroso e açodado!

*(Dirige-se ao genio da Italia, e abraça-o)*

### Genio de Italia

Nós, que somos nascidos d'um só tronco,  
Que colheu verdes palmas das victorias,  
E que em nossos dois solos respiramos  
Harmonia, ventura e liberdade;  
Congratular nos cumpre, pelo facto  
De vermos os dois thronos tão ligados.

Apenas soube a alegre e fausta nova  
De que Maria á luz principe déra,

Às lusas praias vim manifertar-vos  
Que é grande o regosijo em toda a Itália.

### Fama

E notae que na França tudo exulta  
P'lo successo feliz na lusa terra.  
E o mundo, que conhece os altos dotes  
Dos sob'ranos que têm os portuguezes,  
Invejoso contempla hoje a alegria,  
Que em seus peitos se uniu á lealdade.

Jámais o ceu formou tão bellas almas  
Para terem no mundo um só destino :  
Luiz no peito tem a heroicidade,  
Maria tem dos anjos o sorriso.

### Genio de Italia

Ó Enlace feliz, eu te saúdo !  
Ao lumiar da vida, par ditoso,  
Já vedes germinar amor, esp'rança  
Em torno d'ambos, como bom prenuncio  
De maiores venturas no futuro.  
Sabeis amar dois povos que vos amam,  
Doce sorte vos deve estar guardada.

### Genio de Portugal

Bemdito seja o ceu, que ha enviado  
A Princeza da Italia ao luso throno !

### Fama

Maria já é mãe, mas, antes inda  
de ser esposa mesmo, já sabia,  
Como mãe, acudir aos infelizes ;  
E que o diga Turin, que tantas vezes  
Bem a viu esmolar triste indigencia,  
Enfermos soccorrer e encarcerados.  
E Luiz, que, entre os rasgos de clemencia,  
Protecção deu ás artes e sciencias,

Começou seu reinar auspicioso  
P'la sorte melhorar do luso povo.

### Coro

Ao ceu ergamos os cantos,  
Que o ceu protege a nação ;  
Louvemos a Providencia,  
Que a Luiz deu successão.  
Sagremos tambem nas harpas  
Outro canto festival  
Ás duas reaes familias  
Lá da Italia e Portugal.

### Genio de Portugal

Patria minha, que mais te falta agora  
P'ra completar a esp'rança de ventura !  
Nos teus ceus fixa a vista bem attenta,  
Que é propicia a estrella que te guia.

### O Genio de Italia

E sobre ti, ó minha bella Italia,  
Já o ceu raios d'ira não despede,  
Mas com immenso amor vem compensar-te  
D'amargas agonias que soffreste.

### Coro

Viva a Italia libertada !  
Viva o livre Portugal !  
E do filho de Maria  
Festegem dia natal.  
Das virtudes dos dois reinos  
Será o Principe herdeiro,  
E o porvir do luso throno  
O mais bello e lisongeiro.

### Fama

Pelas minhas cem boccas aos vindouros  
Proclamarei o amor vosso e virtudes

Tão excellentes, que vos tornam dignos  
Dos principes tambem de vós tão dignos.  
E agora acompanhae-me nos meus vãos  
Á presença do filho bem nascido  
Dos sob'ranos, que amaes, tão veneraveis.

### Genio de Italia

Partamos já, que os preitos e homenagens  
Eu lhe quero render eternamente.

### Genio de Portugal

Partamos todos, que o prazer immenso  
Da Italia e Portugal invejas cria  
Té nos povos mais ricos de ventura.

*Sobe o panno do fundo, e apparece o aureo berço do principe recém-nascido  
com um pomposo, e refulgente apparato.*

### Coro geral

Á nossa vista se off'rece,  
Com doçura, amor e riso,  
O retrato venerando  
Do celeste paraíso.

É o augusto, o tenro filho  
De Luiz e de Maria,  
Que, qual astro em ceus da patria,  
Nosso futuro alumia.

Viva a santa liberdade!  
Viva o Principe Real!  
Vivam seus paes tão amados!  
Viva a Italia e Portugal!

# HYMNO

DO

EXMO. GOVERNADOR COELHO DO AMARAL.

AMARAL, salvé!—que o povo  
Macaense te bendiz;  
Teu governo, inda tão novo,  
Um governo é já feliz.

CÔRO

Mer'cias um hymno  
Mais bello e mais dino,  
Um canto divino,  
Preclaro AMARAL;  
Mas, se este os primores  
Dos bons trovadores  
Não tem, são louvores  
D'um peito leal.

Governando outras paragens,  
Melhoraste esse paiz,  
E aos teus pés hordas selvagens  
Vergaram negra serviz.

Mer'cias, etc.

Tu tens a luz da sciencia,  
Ó nobre GOVERNADOR;  
Nem te mingúa a exp'riencia,  
Honra, talento e valor.

Mer'cias, etc.

Dás um realce excellente,  
Magnanimo AMARAL,  
A Macau, pedra fulgente  
Da c'rôa de Portugal.

Mer'cias, etc.

Tens a mente esclarecida,  
Profundo é teu meditar  
Em tudo, que engrandecida  
Possa esta terra tornar.

Mer'cias, etc.

Distincto, illustre ENGENHEIRO,  
Pensas, e tudo vais ver ;  
Nas obras és o primeiro,  
Como o és em discorrer.

Mer'cias, etc.

Audaz, ha pouco, entre chammas,  
Bem te soubeste exaltar  
Com os grandes serviços, que amas,  
E que attesta esse bazar.

Mer'cias, etc.

AMARAL, salvé !—que o povo  
Macaense te bemdiz ;  
Teu governo, inda tão novo,  
Um governo é já feliz.

Mer'cias, etc.

Recebe, nestes modestos,  
Pobres carmes festivaes,  
Parabens, gratos protestos  
Dos fieis officiaes.

#### CÔRO

Mer'cias um hymno  
Mais bello e mais dino,  
Um canto divino,  
Preclaro AMARAL ;  
Mas, se este os primores  
Dos bons trovadores  
Não tem, são louvores  
D'um peito leal.

FIM.





